

Viro à esquerda enquanto dou uma risada. Fico feliz por ter aceitado a corrida de Dona Conceição naquela terça chuvosa. Sempre a levo nos lugares, e não tem como não dizer, Dona Conceição alegra o dia de qualquer um.

- Vai estar ocupado na quinta, meu filho? - Ela adora chamar as pessoas de "filho", apesar de não ter dito nenhum.

- Não, quer que eu a leve em algum lugar?

Descemos o morro de sua casa.

- Poderia me levar ao bingo? É às sete da noite, e eu volto às nove.

- Posso sim! - Estaciono em frente à sua casa.

Um sobrado rosa, com orquídeas que vão do portão de grade até a porta de madeira escura. Já entrei lá antes, mas fui apenas até a sala. No entanto, essa casa dá uma sensação de casa de vó.

- Quer ajuda em algo?

- Oh, não é necessário. Só fui ao médico. - Ela paga a corrida. - Só um minuto, fiz um bolo de chocolate ontem. Está uma delícia. Irei dar um pedaço a você.

- Não precisa...

Ela já deixou o carro. Logo volta com uma vasilha pequena com a tampa rosa - ela ama a cor rosa.

- Aqui, meu filho. - Ela me entrega pela janela do carro com um sorriso. - Até quinta, não se esqueça de beber água.

Dou um sorriso e volto a ligar o carro.

Não se passa nem uma hora, e estou de volta na rua de Dona Conceição,

mas não para levá-la a algum lugar. Estou em frente à casa amarela. Não sei como isso acontece, mas sempre acabo aceitando as corridas de Bernardo. Ele abre a porta amarela com duas janelas finas e desce os poucos degraus.

Ele usa uma calça jeans de lavagem escura. Já percebi que ele adora roupas de lã. Hoje ele usa um colete em um tom creme com losangos brancos, por cima de uma camiseta branca. Como de costume, ele usa o All-Star totalmente branco e uma bolsa atravessada.

Ele ajeita os óculos antes de entrar.

Apenas sigo em frente. Ele não é de falar muito, pelo menos agora. Acredito que ele não se lembre, mas eu o conheço do colégio. Éramos do mesmo grupo de amigos. Naquela época, ele irradiava vida. Seus olhos avelãs pareciam luzes quando ele falava algo. Sempre se deu bem com todos. Foi o primeiro do grupo a dar o primeiro beijo.

Às vezes me questiono para onde toda aquela vida foi, se ela morreu depois que deixamos a escola. O rapaz que vejo hoje em dia parece já estar morto há décadas. Dona Conceição diz que ele nunca sai de casa, apenas para ir à biblioteca - onde estamos indo. A luz do sol de final de tarde banha seu rosto, e seus olhos ficam mais lindos sob ela. Mas ainda assim, ele parece exausto e morto por dentro.

Ele nunca mantém contato visual com ninguém. As orelhas debaixo dos olhos avermelhados, ele brinca com o dedo, que está muito vermelho, como se ele tivesse prendido o sangue.

Paramos em um sinal vermelho. O céu já está começando a escurecer. Olho pelo retrovisor, e nossos olhos se encontram.

- O clima está agradável, não é? - Resolvo dizer.

Ele olha para os carros ao nosso lado antes de voltar a me visar pelo retrovisor.

- Prefiro o clima de outono - ele diz, baixo, quase inaudível.

Ele gostava do verão. Nós nos juntávamos e íamos para a piscina comunitária da cidade vizinha. Passávamos o dia inteiro ali.

- A cidade fica bonita nessa estação - continuo a dizer, e ele sorri de uma maneira tímida, sem mostrar os dentes.

- Você gostava do céu lindo do verão - ele diz, olhando para os próprios dedos. Ele se lembra de mim. Essa informação me faz sorrir. - Dizia que Deus fez o verão quando estava de bom humor e o inverno quando estava mal humorado. Isso me fazia rir.

Me recordo do som de sua risada. As meninas adoravam ver o sorriso de Bernardo.

- E ainda carrego esse lema - digo sorrindo.

- É, de fato, um ótimo lema.

- O que aconteceu? - Ele parece confuso. - Você nunca foi em nenhum dos encontros de classe que fizemos. Enzo disse que você sempre dá um jeito de recusar.

Ele abaixa a cabeça, e eu me arrependo de ter tocado nesse assunto.

- Tenho andado muito ocupado. Irei tentar aparecer no próximo.

- Seria legal ter você lá.

Estaciono em frente à biblioteca próxima ao shopping.

- Tchau, Aiden - ele diz, me entregando o valor da corrida. - Nos vemos por aí._ Durante um instante creio que estou diante ao garoto de quinze anos, que eu adorava ter papos cabeças durante as festas que ia apenas para parecer legal.

Ele sorri antes de deixar o carro. Confesso que há um fio de esperança para vê-lo na próxima semana. Será que ele vai falar comigo?

Espero que sim.